

■ NACIONAL

FHC

Cardoso: “Se o presidente for só sociólogo não será nada”

O desafio do governante é unificar uma sociedade fragmentada

por Márcia Raposo
de Berlim

“Como ninguém escolhe o momento que vive, o sociólogo não tem alternativa. Tem de ser presidente. Não pode ter a pretensão do saber e tem de ter humildade para tomar decisões duras, que não correspondam ao que se deseja, mas ao que se pode... Se o presidente for só sociólogo não vai ser nada. Se for só presidente é banal. Se ele próprio não conseguir ser um símbolo deve imitar os que foram”. Assim resumiu o presidente Fernando Henrique Cardoso a sua missão, ao receber ontem o título de doutor “honoris causa” pela Universidade Livre de Berlim.

Calorosamente aplaudido por acadêmicos, sociólogos e cientistas sociais, o presidente, entretanto, não especificou, nem quando foi perguntado mais tarde, qual o símbolo que pretende forjar ou imitar.

Ele disse que o desafio dos governantes modernos é o de unificar uma sociedade fragmentada, em que se conhece tudo e todos os fragmentos se articulam em torno de demandas legítimas. “No Brasil, o Congresso quase passou a ser uma somatória de interesses fragmentados... E à medida que se fragmenta diminui a capacidade de juntar forças para a mudança. Mas o líder

político tem de ter objetividade e distanciamento para reconhecer os interesses e eleger prioridades, de modo que recupere o movimento conjunto. Ou ele faz isso ou não é líder...”, recebeu o presidente brasileiro.

Ele ressaltou que o Brasil ainda é um país injusto e brincou que, se Gilberto Freyre ainda fosse vivo, iria escrever o livro intitulado *Indústrias Grandes & Favela* (em vez da obra *Casa Grande & Senzala*). Para alterar esse quadro, é que a sociedade precisa se unir, porque, na opinião de Fer-

nando Henrique, não será o voluntarismo de alguns que mudará o cenário nacional, mas o engajamento da sociedade como um todo. E não dentro da visão global de uma nação e, sim, do ponto de vista do ser humano, em qualquer parte do mundo — que, na interpretação do presidente brasileiro, vive uma nova fase do Renascimento.

“Só que desta vez o Renascimento não se baseará em questões do passado, mas sim na invenção de novos modelos. E política é criação, o novo, e a ciên-

cia, sua aliada, é a que requer aprofundamento na identificação dos movimentos. E esse é o nosso desafio, de políticos e cientistas sociais, para conseguir gerar os novos caminhos para os homens...”, acrescentou o mais novo doutor “honoris causa” da Universidade de Berlim, ao comentar que era para ele uma satisfação estar numa universidade no meio de tantos policiais. “Só que desta vez estão aqui para me proteger...”, referindo-se ao seu passado de perseguido político.